



## AS SEMENTES DO ESQUECIMENTO EM *EL OLVIDO QUE SEREMOS*

Naira Reinaga de LIMA<sup>1</sup>

**Resumo:** Contando a história de vida e luta de seu pai e reconstruindo sua própria história, o escritor colombiano Héctor Abad Faciolince nos leva à sua infância e juventude, vivenciadas na cidade de Medellín nas décadas de 60, 70 e 80. Movendo-se entre o tempo presente e o passado, a questão da memória e do esquecimento são centrais na narrativa autobiográfica, relacionando-se às questões políticas e sociais mais amplas, que ganham mais sentido quando sabemos delas desde a perspectiva de quem foi afetado diretamente pelo contexto de violência pelo qual passava o país.

**Palavras-chave:** literatura colombiana, memória, violência, esquecimento

Transcorridos quase vinte anos da morte de seu pai, Héctor Abad Faciolince escreve *El olvido que seremos* (Colômbia, 2006), um livro autobiográfico onde o autor reconstrói a memória de sua infância e juventude para contar a história de vida do seu pai e de sua família. Desde o primeiro capítulo, somos levados para a esfera privada e familiar do narrador, retratando um pouco dos costumes e o cotidiano de uma família de classe média na cidade de Medellín.

O livro é dedicado à memória do pai, também chamado Héctor, em uma narrativa intimista e carregada de sentimentalismo, que procura mostrar a admiração e o amor de um filho pela figura do pai, principalmente quando o narrador relembra esses sentimentos a partir do seu ponto de vista infantil, onde o pai aparece como um verdadeiro herói. Héctor é o penúltimo dos seis filhos, sendo o único homem, e cresce em meio a dez mulheres: as cinco irmãs, a mãe, três empregadas e uma monja que ajuda a cuidar dos filhos caçulas. Essa presença acentuada de mulheres na casa explica a predileção do pai pelo filho, ao passo que a mãe dava uma maior atenção para as filhas mulheres.

As experiências que marcam a infância de Héctor vão sendo assim apresentadas ao leitor, com destaque para as experiências vivenciadas no ambiente doméstico. A relação de carinho e afeto entre pai e filho era motivo de sarcasmo de seus amigos, onde

---

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Marília). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura. Atualmente desenvolve pesquisa sobre o cinema colombiano de Víctor Gaviria, com apoio da FAPESP (nairareinaga@yahoo.com.br).



qualquer beijo e abraço entre homens era coisa de *mariquita*. O tratamento carinhoso dado pelo pai aparece como uma exceção dentro de uma cultura onde predomina o machismo, e representa o contrário do tratamento duro e sem afeto que seu pai havia recebido de seu avô, como nos é contado.

Sobre a condição econômica da família, saberemos que ela pertencia à classe média:

[...] no éramos ricos, aunque lo pareciera porque teníamos finca, carro, muchachas del servicio y hasta monja de compañía. Cuando nosotros le preguntábamos a mi mamá si éramos ricos o pobres, ella siempre contestaba lo mismo: '[...] ni lo uno, ni lo otro, somos acomodados' (FACIOLINCE, 2006, p. 15).

O pai de Héctor é professor de medicina de uma universidade pública, e a mãe recomendava aos filhos que não abusassem dele pedindo dinheiro, porque os professores eram mal pagos. Além disso, o pai era generoso com seus alunos, emprestando dinheiro para que almoçassem, pois dizia que com fome era impossível estudar. O pai procurava sempre mostrar aos filhos a realidade de pobreza que os cercava, seja falando que os alunos não tinham em casa serviços básicos, como telefone ou água encanada, seja colocando os filhos em contato direto com essa realidade, quando os levava aos bairros pobres onde realizava programas de saúde pública junto à população.

Logo no início do livro, o narrador diz que escreve para seu pai, que é alguém que nunca poderá ler suas palavras, e neste momento sabemos que seu pai está morto. A escrita assume a característica de um acerto de contas de quem escreve com sua própria história, como se todo o trabalho de reconstrução da memória para contar a história do pai servisse também para compreender sua própria formação pessoal e identitária, representando também um ato de agradecimento ao pai, por ter sido o maior responsável nesse processo. As relações familiares e as experiências contadas pelo narrador mostram as reflexões do adulto que relembra seu passado, movendo-se entre o tempo presente e os anos de sua infância desde a década de 60.

Como médico social, o pai de Héctor é engajado e preocupado com a saúde pública, que é sua maior causa no decorrer da vida. Desde sua juventude, quando ainda era estudante, se empenha em fazer denúncias que apontavam para a precariedade do sistema de água e esgoto da cidade. Era justamente por isso que ganhou diversos inimigos entre seus colegas de trabalho, que pensavam que para o trabalho social e os programas de saúde que ela incentivava e promovia junto à população, não era



necessário ser formado em medicina:

Sus colegas decían que «para hacer lo que hace este 'médico', no se necesita diploma», pues para ellos la medicina no era otra cosa que tratar enfermos en sus consultas privadas. A los más ricos les parecía que, con su manía de la igualdad y la consciencia social, estaba organizando a los pobres para que hicieran la revolución. Cuando iba a las veredas y hablaba con los campesinos para que hicieran obras por acción comunal, les hablaba demasiado de derechos, y muy poco de deberes, decían sus críticos de la ciudad. ¿Cuándo se había visto que los pobres reclamaran en voz alta? (FACIOLINCE, 2006, p. 49)

Seu modo de trabalhar com medidas preventivas e de higiene básica não era bem visto pelos médicos, e também não era bem visto por uma parte da igreja católica, onde alguns padres influentes, através de jornais ou rádio, mostravam seu descontentamento com relação a esse tipo de trabalho, acusando-o de

médico comunista, que estaba infectando la consciencia de las personas en los barrios populares de la ciudad pues [...] mi papá, por el solo hecho de hacerles ver su miseria y sus derechos, inoculaba en las simples mentes de los pobres el veneno del odio, del rencor y de la envidia (FACIOLINCE, 2006, p. 51).

Estamos falando aqui da Colômbia durante a década de 60, onde a insurgência de grupos guerrilheiros desencadearia um verdadeiro combate contra qualquer forma de pensamento crítico ao governo. Assim, os movimentos populares e sindicais e as atividades comunitárias realizadas nos bairros foram alvo fácil de um extermínio sistemático promovido pelo governo e pelos paramilitares nas décadas seguintes<sup>2</sup>. Com sua influência junto à população, a igreja também desempenhou o papel de combate ideológico contra os considerados comunistas, contribuindo para a polarização entre a esquerda e a direita, como vemos no decorrer da narrativa.

É importante observar que o narrador não se atém muito à questão da guerrilha. Somente em um trecho ele traz algumas considerações sobre o que ela representava em seu início, com seus ideais revolucionários de distribuição de terras, para depois fazer a crítica ao grupo criminal de bandidos e sequestradores a que havia se convertido. O centro da denúncia se dirige às acusações injustas feitas a seu pai, que no fim levariam ao seu assassinato, anos depois. A injustiça se deve ao fato de que ele sempre lutou pelas causas populares, era um progressista que acreditava que sem as mínimas condições de igualdade, a sociedade não poderia se desenvolver. Deixando bem claro o

---

2 Para mais informações sobre o panorama da violência, cf. Daniel Pecaute (1997).



posicionamento do pai, temos a seguinte passagem:

Mi papá se había formado en una escuela pragmática norteamericana, no había leído nunca a Marx, y confundía Hegel con Engels. Por saber bien de lo qué lo estaban acusando, resolvió leerlos, y no todo le pareció descabellado: en parte, y poco a poco a lo largo de su vida, se convirtió en algo parecido al luchador izquierdista que lo acusaban de ser. Al final de sus días acabó diciendo que su ideología era un híbrido: cristiano en religión, por la figura amable de Jesús y su evidente inclinación por los más debiles; marxista en economía, porque detestaba la explotación económica y los abusos infames de los capitalistas; y liberal en política, porque no soportaba la falta de libertad y tampoco las dictaduras, ni siquiera la del proletariado, pues los pobres en el poder, al dejar de ser pobres, no eran menos despotas y despiadados que los ricos en el poder (FACIOLINCE, 2006, p. 49).

Essa ideologia híbrida do pai, cristão, marxista e liberal ao mesmo tempo, revela mais traços de sua personalidade, conforme nos mostra o autor no decorrer da narrativa. Contando sobre as origens da família, saberemos que o avô paterno de Héctor era liberal e fazendeiro. Fugindo da intensa onda de violência que começa no final da década de 40, resultado das lutas políticas bipartidaristas que dividiram o país, sua família sai do campo e se instala na cidade de Medellín. Héctor descreve a família do pai como verdadeira sobrevivente, já que todos os amigos liberais de sua família foram assassinados, assim como outros 400 mil colombianos que padeceram neste período, segundo nos informa o autor<sup>3</sup>.

Falando um pouco das origens de sua mãe, saberemos que ela vem de uma família abastada de sacerdotes e políticos conservadores. Sua avó materna, mesmo sendo conservadora, se casa com um liberal, feito que se repete quando sua mãe se casa com seu pai. O narrador lembra das discussões acaloradas durante os almoços familiares, onde as brigas e discordâncias entre as famílias eram inevitáveis.

O conflito entre o bipartidarismo que marca a história do país e coloca em oposição conservadores e liberais se traduz no conflito entre a religião e a razão dentro de casa, que para o narrador podia ser expresso nas figuras da mãe e do pai. Como a mãe não aparece como portadora de um posicionamento político, seu conservadorismo se manifesta muito mais pela sua religiosidade, e ela fazia questão que seus filhos tivessem uma educação religiosa. O pai era adepto de uma educação mais racional para os filhos, não só a educação enciclopédica, mas também a literatura e a filosofia deviam

---

3 Os números variam entre 200 e 400 mil colombianos mortos diretamente no conflito bipartidarista que se inicia em 1948, quando morre assassinado o líder populista e candidato à presidência Jorge Eliecer Gaitán. O período conhecido como *La Violencia* se estende por todo o país e dura até meados da década de 60 (Pecaut, 1997).



fazer parte dessa formação, que ele estimulava com as leituras nas tardes passadas na biblioteca da casa.

Essas personalidades opostas do pai e da mãe não eram tão definidas assim, e estavam carregadas de ambiguidades. A mãe era conservadora, religiosa fervorosa, mas tinha um temperamento liberal em muitos aspectos, por exemplo, quando decidiu trabalhar fora para ajudar nas despesas da casa. O pai, que era liberal, se mostrava conservador em relação ao casamento, e não queria que sua esposa trabalhasse fora. Esse machismo também aparece no tratamento diferenciado dado às filhas mulheres, que não recebiam a mesma atenção e nem o mesmo nível de educação dado a Héctor. Nas viagens de férias que a família fazia para o litoral, Héctor e o pai iam de avião, pois o pai não gostava do desconforto da viagem por terra. A mãe e as irmãs tinham que se submeter ao desgaste das várias horas de viagem na estrada, porque o dinheiro não era o suficiente para que todos fossem de avião. Mas essas injustiças reconhecidas por Héctor servem para dar maior complexidade à figura do pai: mesmo que ele fosse um progressista e avançado para sua época, não conseguiu se libertar de algumas amarras tradicionais, como por exemplo a do machismo.

Com relação à religião, o pai de Héctor não frequentava missas e nem ia à igreja, mas praticava sua religiosidade de forma individual e privada, sendo um motivo a mais para que a igreja o acusasse de não crente. A religião é criticada pelo pai porque ela aparece sempre fanatizada, inclusive por sua própria mãe, que fazia com que as rezas fossem realizadas todas as manhãs na casa. Do jeito que a religião é descrita para o leitor, ela chega sempre ao extremo de um conservadorismo que não permite o desenvolvimento individual. O maior conflito para Héctor quando criança era justamente a convivência, lado a lado, de uma tradição católica reacionária com uma educação enciclopédica e racional:

El mundo fantasmal, oscurantista, alimentado durante el día, poblado de presencias ultraterrenas que intercedían por nosotros ante Dios, y territorios amenos o terribles o neutros del más allá, se convertía en las noches, para mi descanso, en un mundo material y más o menos comprensible por la razón y por la ciencia (FACIOLINCE, 2006, p. 77).

A razão e o conhecimento transmitidos pelo pai acabam sendo uma defesa para a alienação da religião, e ele dizia ao filho que fosse à missa para que a mãe não sofresse, mas que tudo o que era dito lá era mentira. Quando o pai realizava suas viagens a trabalho para o exterior, Héctor era obrigado a participar da rotina religiosa dentro da



casa, carregada, como ele diz, de orações, misticismo e obscurantismo. E mesmo o pai sendo contra uma educação estritamente religiosa, na falta de opção de colégios bons, Héctor passará a estudar em um colégio religioso.

A religião marca sua presença na família, pois tanto a família do pai como a da mãe tinham padres, e até um arcebispo, responsável pela criação da mãe. E nem todos os padres da família eram conservadores. Dois tios eram padres da ala esquerdista da igreja, envolvidos em causas comunitárias, e como lembra o narrador, foram até presos sob acusação de rebeldia. Essa referência à religião nos mostra a sua importância em uma sociedade apegada aos valores tradicionais.

Se o pai fazia críticas à religião por ela pregar a alienação e a resignação que impediam que a população contestasse sua situação de pobreza, Héctor também fará duras críticas à Igreja e à educação religiosa a que foi submetido na escola. Quando o pai é morto, o padre queria impedir que seu corpo fosse velado na igreja, alegando que o médico era infiel e não praticante, e somente graças ao irmão de seu pai, que era sacerdote e tinha suas influências, é que a missa foi realizada, lembrando da importância do velório católico para a mãe e as irmãs.

Essa perseguição da igreja ao pai, mesmo depois de morto, é lembrada com tristeza pelo autor, assim como a perseguição política que enfrentava no trabalho e que o ameaçou de destituição de seu cargo como professor várias vezes, sendo motivo de preocupação da família e um dos motivos que levam sua mãe a montar o próprio negócio. Era por estar a um passo de perder o cargo que o pai também tinha que se distanciar da família, fazendo viagens para o exterior a trabalho, a fim de que o clima se acalmasse e o deixassem seguir no seu cargo. Somente quando o pai faz um pacto com um político conservador, também médico, é que se criam condições mais favoráveis para que possa executar seu trabalho de saúde pública.

Nesta época, já estamos na década de 70, e como o autor nos conta, os anos transcorriam calmos e felizes, sem as tensões anteriores. Como o negócio da mãe havia prosperado, a família tinha condições de viajar nas férias e de fazer passeios e comer em restaurantes de vez em quando. No entanto, por terem essa situação financeira acomodada, como dizia a mãe, foram acusados de burgueses pela esquerda. Esse não enquadramento do pai, acusado antes de revolucionário pela direita, e depois de burguês e reacionário pela esquerda, revela sua impossibilidade de se entender com as correntes de pensamento político mais tradicionais. Posicionava-se contra o pensamento



esquerdista, porque no fim das contas, em um estado de guerra, qualquer crítica e oposição ao governo poderiam ser associadas à guerrilha e aos atos de violência praticados por ela. Recorrer à violência era algo inadmissível para o pai, contrário a qualquer tipo de extremismo.

A indefinição da filiação política do pai de Héctor e as críticas que fazia tanto aos conservadores de direita quanto aos esquerdistas fez com que ele ganhasse inimigos dos dois lados. Estar neste entre-lugar e não se submeter a ter que escolher entre um dos lados é um verdadeiro dilema, mas nem por isso o médico deixou de lutar pelos seus ideais de uma sociedade mais justa. Neste sentido, não se importava e reagia de bom humor, na maioria das vezes, às duras críticas e às ameaças que lhe eram feitas. O reconhecimento pelo seu trabalho nunca veio de outros médicos ou políticos, mas sim da população carente que ele atendia com seu programa de saúde, que para ele era a gratificação mais importante.

Devemos observar aqui que todas essas questões de perseguição política e de denúncia social que aparecem no livro estão mescladas com as histórias do cotidiano da família. Mesmo que essas questões venham a primeiro plano algumas vezes, o maior destaque vai para a descrição das relações entre o pai, o filho e o restante da família, como já observamos. Assim, as questões políticas e sociais ganham mais sentido quando sabemos delas desde a percepção de quem foi afetado diretamente por esse contexto conturbado pelo qual passava o país.

O mundo privado da família vai sendo apresentado, ao mesmo tempo em que as lembranças do narrador nos mostram também seu lado mais íntimo e psicológico, por exemplo, quando ele se cobra das vezes em que decepcionou seu pai. Em uma dessas vezes, a irmã mais nova estava se afogando no mar enquanto eles brincavam. Héctor se lembra de como ficou paralisado e não conseguiu fazer nada, mesmo sabendo nadar, sendo necessário que outra pessoa a salvasse. Essa e outras decepções causadas ao pai são apresentadas de forma reflexiva, onde ele se culpa por ter sido ou ainda ser um covarde, uma pessoa de espírito fraco, como ele mesmo se define. Deixando-se transparecer em sua sinceridade quando reconhece isso, o ato de escrita aparece como um pedido de desculpas que ele pede ao pai, mesmo que o pai não possa saber.

De forma mais recorrente, o apoio incondicional do pai para o filho sempre é recordado. Quando Héctor não quer ir à escola e consegue adiar em um ano sua entrada no colégio, ou quando, já adolescente, está em dúvida sobre sua sexualidade, ou ainda



quando muda quatro vezes de faculdade; não importa quais fossem as atitudes tomadas pelo filho, o pai sempre estava ao seu lado, incentivando e apoiando suas decisões. Esse reconhecimento de como o pai era extremamente compreensivo e tolerante contribuiu para formarmos a ideia de um homem bom, admirável e *íntegro*, como ele mesmo diz.

É assim que algumas das tristezas e alegrias passadas são reativadas pela memória do narrador. Em uma bonita passagem, onde ele reflete sobre a memória, suas limitações e como ela se conecta à sua infância e à figura do pai, ele irá dizer:

La cronología de la infancia no está hecha de líneas sino de sobresaltos. La memoria es un espejo opaco y vuelto añicos, o mejor dicho, está hecha de intemporales conchas de recuerdos desperdigadas sobre una playa de olvidos. Sé que pasarón muchas cosas durante aquellos años, pero intentar recordarlas es tan desesperante como intentar recordar un sueño, un sueño que nos ha dejado una sensación, pero ninguna imagen, una historia sin historia, vacía, de la que queda solamente un vago estado de ánimo. Las imágenes se han perdido. Los años, las palabras, los juegos, las caricias se han borrado, y sin embargo, de repente, repasando el pasado, algo vuelve a iluminarse en la oscura región del olvido. Casi siempre se trata de una vergüenza mezclada con alegría, y casi siempre está la cara de mi papá, pegada a la mía como la sombra que arrastramos o nos arrastra (FACIOLINCE, 2006, p. 137).

Falando um pouco mais da esfera privada familiar, há uma tragédia que marca uma série de mudanças que afetam a família, sobretudo ao pai e à mãe de Héctor. Trata-se da morte de Marta, uma de suas irmãs. Marta morre de câncer quando tinha apenas 16 anos, quando Héctor tinha 14 anos. Em detalhes, acompanhamos todo o sofrimento da família, que depois disso nunca mais será a mesma e sempre carregará essa tristeza. Sobre esse episódio dramático, Héctor fala que a doença da irmã aparece como um tipo de castigo que se abate sobre a felicidade pela qual passava a família naquele momento. Seu ressentimento com a religião aparece mais uma vez, quando ele diz que de nada adiantou toda a dedicação e religiosidade de sua mãe.

Após a morte de Marta, o pai começa a se dedicar cada vez mais às causas sociais. Se envolve nas lutas em defesa da universidade pública e no movimento estudantil, quando os dirigentes conservadores querem cortar direitos e benefícios dos professores. Quando dirigentes de esquerda assumem o poder, o pai é acusado novamente de conservador e reacionário.

Quando completou 60 anos, o pai foi obrigado a se aposentar pela sua idade, mesmo que sua vontade fosse continuar lecionando. Como queriam seus inimigos, o pai finalmente foi afastado de seu cargo. Mas nem por isso deixou de lado sua luta, passando a se dedicar integralmente aos direitos humanos, denunciando os sequestros,





desaparecimentos e torturas que estavam ocorrendo no país, em um novo período de violência na década de 80. Traçando um diagnóstico dessa situação no país, onde seu pai será vítima, o narrador nos diz:

Las ciudades y los campos de Colombia se cubrían cada vez más con la sangre de la peor de las enfermedades padecidas por el hombre: la violencia. Y como los médicos de antes, que contraían la peste bubónica o el cólera, en su desesperado esfuerzo por combatirlas, así mismo cayó Héctor Abad Gómez, víctima de la peor epidemia, de la peste más aniquiladora que puede padecer una nación: el conflicto armado entre distintos grupos políticos, la delincuencia desquiciada, las explosiones terroristas, los ajustes de cuentas entre mafiosos y narcotraficantes (FACIOLINCE, 2006, p. 205).

Neste quadro turbulento, onde vários de seus amigos que lutavam pelas mesmas causas começam a ser assassinados um a um, Héctor, o pai, passa a ser constantemente ameaçado de morte. Mesmo com a preocupação da família, ele participa de manifestos pacíficos de protesto, e continua sua denúncia pública contra os violadores dos direitos humanos, sendo por isso acusado de subversivo pelos jornalistas. Nesse quadro complexo de violência, o caso do pai, ora considerado reacionário, ora considerado subversivo, anuncia qual era o destino de muitos outros que lutavam pela justiça. O que conseguimos depreender pelo que nos diz o narrador, é que não havia possibilidade para meio termo. Em um país onde a esquerda e a direita estão corrompidos e a situação de violência é tão absurda que beira a barbárie, não há outra alternativa: calar-se e resignar-se, ou seguir em frente e esperar a morte, como ocorre com seu pai. A crítica é feita ao tradicionalismo de uma sociedade e suas instituições que, caracterizadas sobretudo pela intolerância, não foram capazes de conciliar seus conflitos internos.

Nos últimos anos de vida, o pai também se dedicou a cultivar rosas, como forma de se manter mais próximo de suas raízes do campo. Diferentemente do pai, nenhum dos filhos herdou seu espírito de luta e esse lado militante, e enquanto em outras famílias eram os pais que pediam aos filhos que não participassem de protestos e manifestações, na sua casa era o contrário: os filhos que pediam ao pai, já idoso, que não comparecesse aos manifestos, porque poderia ser perigoso. Em uma das últimas ameaças que recebe, o nome do pai de Héctor aparece em uma lista divulgada no rádio com os nomes de várias pessoas também ameaçadas, incluindo celebridades e pessoas importantes. Sempre de bom humor, tentando acalmar a família, ele diz que se a ameaça fosse verdadeira, para ele era uma honra seu nome ser citado ao lado dessas personalidades. Para o filho, até o último dia de vida o pai não acreditava mesmo que



poderia ser morto, apesar dos vários avisos dados por pessoas próximas que sabiam do perigo que ele corria.

Citando nomes e empreendendo também sua denúncia, o narrador aponta os paramilitares e seus esquadrões de morte como os principais suspeitos pelo assassinato do seu pai. Mesmo que ele tivesse inimigos dos dois lados, as acusações mais duras eram feitas pela direita conservadora e elitista, que tinha raiva dos trabalhos de cunho social empreendido pelo pai ao longo de sua vida. Lembrando de alguns episódios, podemos ver o tamanho do ódio desses inimigos e seu grau de intolerância. Uma das irmãs, casada com um homem rico, frequentava os círculos da alta sociedade. Em uma ocasião, acompanhando o marido e os filhos em uma atividade esportiva, um homem da elite disse em público que não se sentaria ao lado da filha de um comunista, e ela teve que se retirar do local. Quando o pai morre e a notícia repercute, vários telefonemas anônimos são recebidos na casa, dizendo aos risos que ainda bem que o velho havia sido morto, finalmente. A mãe chega a dizer que não acredita que havia trabalhado todos esses anos administrando os condomínios dessa gente rica, que no fim teriam mandando matar a seu esposo.

A família nunca soube ao certo quem foi o responsável pelo assassinato do pai. O pai estava se dirigindo ao velório de um amigo, que também era envolvido na luta pelos direitos humanos, morto um dia antes. Ao chegar na casa onde ocorria o velório, é informado que o corpo já havia saído de lá, e neste momento dois homens que chegam em uma moto disparam contra ele. Outro amigo que o acompanhava ainda tenta fugir entrando dentro da casa, mas também é executado. No mesmo dia, outros amigos do pai são executados, e o extermínio a outras pessoas segue nos meses seguintes. A morte do pai ocorre pelas mãos de sicários, os matadores de aluguel, jovens, provenientes dos bairros pobres, que se tornariam conhecidos no país durante os anos 80 e 90, sendo contratados para resolver os mais distintos acertos de contas entre as classes política, empresarial e os narcotraficantes. O pai morre em 1987, aos 65 anos. Na virada da década de 90, os índices de violência no país chegam ao seu auge, comparados somente ao de países em guerra<sup>4</sup>, como observa o autor.

Depois da morte do pai, o próprio Héctor, mesmo nunca tendo participado das denúncias realizadas pelo pai, também é ameaçado de morte, o que o obriga a fugir do país. Ele vai para a Espanha e se encontra com um amigo do seu pai, que havia

---

4 Uma análise da situação de violência neste período pode ser encontrada em Salazar (2002).



sobrevivido porque conseguiu se exilar. No final do livro, ele nos conta um pouco de sua experiência como desterrado e sobre a situação dos colombianos discriminados pelos espanhóis por sua origem latino-americana. Sem dinheiro, indo somente com a roupa do corpo, desestabilizado emocionalmente com a morte do pai e dependendo da ajuda de outras pessoas até para conseguir roupas de frio para suportar o inverno europeu, a situação do colombiano na Europa é descrita como um período amargo de sua vida. O exílio forçado traz implicações pessoais, mas mais do que isso, mostra as implicações sociais que envolvem a perda familiar e da memória coletiva dos colombianos obrigados a fugir. Podemos conhecer assim um pouco do problema da migração colombiana, em suas duas dimensões: o deslocamento interno, quando o avô sai do campo e vai para a cidade, e a migração internacional, quando o narrador se exila em outro país, também fugindo da violência. Esse tema representa o dilema de milhares de colombianos que procuram refúgio para os conflitos internos do país<sup>5</sup>.

A memória é central na narrativa de Faciolince, inclusive para trazer o problema da violência em uma perspectiva onde ela se mostra sempre presente, aparecendo a cada geração da família. Desde o avô, que foge da violência política no meio rural, depois o pai, que é vítima da violência urbana, chegando ao filho, que ameaçado é obrigado a fugir para o exterior, conseguimos ver como a violência se inscreve como parte da história da sociedade colombiana.

No seu último dia de vida, o pai levava no bolso um pedaço de papel com um poema atribuído a Jorge Luis Borges, por conter as iniciais do escritor argentino. Vale a pena reproduzir aqui o poema, do mesmo modo que ele aparece na obra de Faciolince:

*Ya somos el olvido que seremos.  
El polvo elemental que nos ignora  
y que fue el rojo Adán y que es ahora  
todos los hombres y los que seremos.  
Ya somos en la tumba las dos fechas  
del principio y el fin, la caja,  
la obscena corrupción y la mortaja,  
los ritos de la muerte y las endechas.  
No soy el insensato que se aferra  
al mágico sonido de su nombre;*

---

5 O problema social da migração colombiana é significativo. Além dos conflitos políticos, temos também como fatores a pobreza e a busca por melhores condições econômicas. Entre 1985 e 2005, o número de deslocados internamente pelo conflito é estimado em até 3,7 milhões de pessoas. Dados oficiais mostram que 3,3 milhões de colombianos viviam fora do país em 2005, o que representa 8% da população total (fonte: DANE – Colômbia).



*pienso con esperanza en aquel hombre  
que no sabrá quien fui sobre la tierra.  
Bajo el indiferente azul del cielo,  
esta meditación es un consuelo.*  
**JLB**

É muito significativo que o poema trazido pelo pai no dia de sua morte reflitam sobre temas como o tempo, a morte e o esquecimento. A memória é, deste modo, reativada pelo narrador para registrar a história de vida de seu pai, para evitar que ela caia no esquecimento. A imposição do silêncio e a morte, como mecanismos da violência vivenciada pela família do narrador, caracterizam todo um período pelo qual passou o país. É contra esse tipo de esquecimento, que silencia e apaga da memória, que Faciolince se posiciona ao registrar, quase vinte anos depois, a história de vida de seu pai.

---

**Abstract:** Telling the life and fight history of his father and reconstructing his own history, the Colombian writer, Hector Abad Faciolince, takes us to his childhood and youth, lived in Medellin during 60's, 70's and 80's. Bouncing between the present and past time, memory and forgetfulness issues are inner in the autobiographic narrative, relating to wider political and social questions, which make more sense when we know them by the perspective of the person directly affected by the violence context that the country was in.

**Keywords:** Colombian literature, memory, violence, forgetfulness

---

### Referências Bibliográficas

DANE – Departamento Administrativo Nacional de Estadísticas. *Censo general 2005*. Bogotá, Colômbia. Retirado de <[www.dane.gov.co](http://www.dane.gov.co)> Acesso em: 25 abr 2010.

FACIOLINCE, Héctor Abad. *El olvido que seremos*. 23ª ed. Bogotá: Planeta: 2010 (1ª ed. 2006) .

PECAUT, Daniel. Presente, pasado y futuro de la violencia. *Análisis Político*, Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, n. 30, ene/abr 1997.

SALAZAR, Alonso. *No nacimos pa'semilla. La cultura de las bandas juveniles en Medellín*. Planeta colombiana: Bogotá, 2002 (1 ed. 1990)